



Apresentação

Estudo de construções linguísticas sob a perspectiva analítica da Linguística Cognitiva

Adriana Maria TENUTA*

Sueli Maria COELHO**

Ulrike SCHRÖDER***

Este número temático da *Revista Domínios da Linguagem* compõe-se de dez artigos que enfocam *construções*, um construto oriundo da Gramática de Construções. Essa perspectiva de análise integra a Linguística Cognitiva, que é um quadro teórico amplo, porém não unificado, que se configura como um conjunto de abordagens e de modelos de descrição do funcionamento linguístico. Esse grande quadro teórico, ao lidar com fenômenos de natureza conceptual, vincula a habilidade da linguagem à cognição humana mais geral, operando com noções e com princípios relacionados à visão de que a estruturação de uma língua deriva de capacidades tais como percepção, memória e resolução de problemas. Nesse contexto, Langacker (2000) postula que cinco fenômenos psicológicos são essenciais para o processamento da linguagem, a saber: (i) *rotinização* (entrincheiramento), que a é fixação de um item como uma unidade, em função de sua frequência de uso; (ii) *abstração*, que promove a geração de

* Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG), professora titular da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7169-640X>. atenuta@gmail.com

** Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG), professora associada da FALE/UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4021-0339>. sucoelho@ufmg.br

*** Doutora em Comunicação Social (Universidade Essen, Alemanha), professora associada da FALE/UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7764-7249>. schroederulrike@gmx.com

esquemas a partir da recorrência de determinada situação empírica; (iii) *comparação*, que tem como um de seus tipos a categorização, com o reconhecimento e a classificação por categorias; (iv) *composição*, que gera unidades maiores a partir de outras menores; e, por último, (v) *associação*, que tem como exemplo a simbolização, caracterizada pelo pareamento entre o polo semântico e o polo fonológico (sons, sinais, elementos gráficos).

A Gramática de Construções tem alcançado destaque no cenário da Linguística Cognitiva como um grupo de abordagens teórico-analíticas para a representação linguística. Entre seus precursores destacam-se expoentes como Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Lakoff (1987), Goldberg (1995; 1999; 2006), Langacker (1987; 2000; 2008), Croft (2001; 2005; 2007), Traugott e Trousdale (2013). Apesar de já bastante difundidas no cenário da linguística internacional, as abordagens construcionistas ainda precisam ser mais difundidas em nosso país, para vermos ampliada a gama de estudos que a adotam na descrição de fenômenos do português do Brasil, tarefa para a qual este número ambiciona contribuir.

Fillmore, Kay e O'Connor (1988) assinam um dos trabalhos fundadores da Gramática de Construções. Nesse trabalho, os autores buscaram descrever as estruturas idiomáticas, idiossincráticas, tão recorrentes na língua e que têm significado basicamente não composicional. Teríamos, como exemplos, em português, “bater as botas”, expressão totalmente especificada, com significado de “morrer” ou, ainda, “puxar o tapete de SN”, expressão mais esquemática e/ou mais complexa, significando “trair alguém”. Como os idiomatismos vão do lexicalmente específico ao integralmente esquemático, não haveria, nesse tipo de abordagem, mais lugar para a clássica oposição entre léxico e sintaxe, tal como estabelecido nas perspectivas tradicional e gerativista. Nessa perspectiva, os autores defendem que a descrição gramatical precisa espelhar a forma como a língua associa um conteúdo semântico a

uma unidade mais complexa do que um item lexical. Essa gramática não poderia, pois, tratar os componentes sintático, semântico e fonológico como módulos distintos.

Na linha de Lakoff (1987) e de seu estudo sobre as construções *There* do inglês, Goldberg (1995, 2006), estende a visão de gramática para além das estruturas irregulares ou idiossincráticas exploradas por Fillmore, Kay e O'Connor (1988). A autora circunscreve seu estudo às construções verbais, concebidas como *construções de estrutura argumental*. Segundo propõe, uma construção, constituinte de uma sentença, é vista como um dos elementos determinantes do significado dessa sentença (GOLDBERG, 1995; 1999), pois a análise de unidades oracionais envolve a associação da sintaxe a princípios de interpretação semântica, independentemente dos itens lexicais que a compõem.

Se a noção de construção ocupa, desde os estudos tradicionais, lugar de honra na linguística, na abordagem contemporânea, a visão pré-teórica de construção como entidade pré-concebida é contestada em favor de um interesse crescente pelo modo como ela emerge na interação e por sua função no discurso. Em Goldberg (1995), encontra-se a definição de *construção*, que, no modelo da autora, constitui a unidade básica da língua:

C é uma CONSTRUÇÃO se e somente se a definição de C for um par forma-significado $\langle F_i S_i \rangle$ tal que nenhum aspecto de F_i nem de S_i seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG, 1995, p. 4)¹ (Tradução das autoras).

Essa definição, além de estabelecer a imprevisibilidade de qualquer aspecto da forma, ou do significado/função de uma construção a partir de outra, traduz a

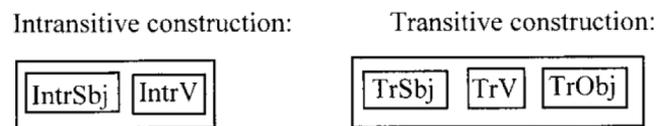
¹ No original: “C is a construction iff_{def} C is a form meaning pair $\langle F_i S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions.”

concepção desse construto teórico como um pareamento não composicional entre forma e significado. Nesse sentido, a construção guarda alguma relação com o signo linguístico em Saussure (1995 [1969]). No entanto, os tipos de pareamentos envolvidos nas duas propostas diferem, principalmente, por ser o signo saussureano caracterizado por uma associação convencional mais rígida entre forma e significado. A construção, por ser simbólica, também é convencionalizada, porém emerge em situação comunicacional e pode apresentar graus variados de esquematicidade e de complexidade.

Na proposta de Goldberg (1995), são quatro as construções de estrutura argumental básicas, as quais codificam cenas experienciais humanas: as transitivas, as bitransitivas, as resultativas e as de movimento causado. Tais construções básicas estabelecem, com outras, relações de herança de quatro tipos: por polissemia, por subparte, por instanciação e por metáfora. A gramática constitui, assim, uma rede de construções, no interior da qual não apenas as sentenças como também os padrões linguísticos dos quais elas são uma instância têm significado (GOLDBERG, 1995). Uma propriedade de destaque dessa arquitetura é que nela há estruturas centrais, ou seja, prototípicas; as demais são extensões desses protótipos e deles herdam o esquema de construção sintática. Esse modelo descritivo mostra-se, assim, mais econômico por evitar a proliferação de regras lexicais.

A otimização descritiva oriunda da Gramática de Construções não implica, contudo, reducionismo. A proposta da Gramática Cognitiva, e também a da Gramática Radical de Construções (CROFT, 2001; 2005), é não-reducionista. Tanto Langacker (2008) quanto Croft (2007) defendem que a representação cognitiva e a descrição do sistema linguístico sejam necessariamente redundantes: tanto estruturas específicas, quanto padrões gerais devem integrar a gramática, ser aprendidas e representadas mentalmente no processo de aquisição da língua.

Para Croft (2007), a visão reducionista desconsidera tanto os fatos empíricos, quanto a conveniência de as categorias serem definidas em termos de construções. Por exemplo, categorizar um verbo como *transitivo* ou como *intransitivo* não capta exatamente o fato de que há verbos como *dançar*, por exemplo, que são as duas coisas, dependendo do contexto/construção em que é usado. Em seu modelo não reducionista, a estrutura complexa é que definiria a categoria em termos do papel que ela desempenha naquele todo. Teríamos assim, conforme o autor, as seguintes representações para as construções Intransitiva e Transitiva, respectivamente:



(CROFT, 2007, p. 498)

De acordo com Geeraerts e Cuyckens (2007), a partir de 1985, a Linguística Cognitiva e o Funcionalismo têm capitaneado a tendência de relacionar a gramática a aspectos contextuais/discursivos e de dar atenção investigativa a elementos linguísticos antes considerados periféricos. Segundo os autores, esse movimento implica trazer o significado para o centro da gramática, adotar uma postura baseada no uso:

No contexto da Linguística Cognitiva, a “relexificação” da gramática é mais destacada na Gramática de Construções (Goldberg 1995; Croft 2001), que começa com o reconhecimento de que há um contínuo entre sintaxe e léxico: construções são estruturas sintáticas que podem conter material léxico.² (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 14). (Tradução das autoras)

² No original: “In the context of Cognitive Linguistics, the relexification of the grammar is most outspoken in Construction Grammar (Goldberg 1995; Croft 2001), which starts from the recognition that there is a continuum between syntax and lexicon: constructions are syntactic structures that may contain lexical material.”

Os modelos descritivos da Linguística Cognitiva apoiam-se, ainda, na visão de que as línguas são construídas com base no uso real das estruturas, moldadas por pressões pragmático-discursivas e cognitivas (LANGACKER, 1987; 2000; 2008). Para esses modelos, é o uso da língua na interação comunicativa que determina os padrões possíveis de estruturação, que embasa a aquisição e que fundamenta a mudança linguística.

Desse modo, a Gramática Cognitiva, que integra a família das abordagens da Gramática de Construções da Linguística Cognitiva, é caracterizada por Langacker (2000) como um modelo dinâmico e baseado no uso³, o que pode ser estendido a outros modelos de construções. Segundo argumenta, sua Gramática Cognitiva (LANGACKER 1987, 2000), apesar de divergir em pontos importantes e de ter se desenvolvido independentemente, tem grande semelhanças com a Gramática de Construções, como, por exemplo, em relação ao fato de que “as construções (não as ‘regras’) são os objetos primários da descrição; de que o léxico e a gramática não são distintos, mas sim um contínuo de construções (pareamentos forma-significado); e de que as construções são ligadas em redes de herança (ou categorização)”⁴ (LANGACKER, 2007, p. 421-422). Nessa perspectiva, ele advoga em favor do modelo de rede, que, em sua concepção, é distinto de um conjunto estável de estruturas vistas como entidades discretas, objetificadas.

Assim, vemos que as abordagens construcionistas formam um conjunto de modelos com princípios norteadores, ao mesmo tempo em que apresentam

³ Croft (2007) define, baseado no uso, como um modelo “in which language use determines grammatical representation. Specifically, frequency of use and similarity of form and meaning are the determining factors for the structure of grammatical knowledge in the mind” (p. 499).

⁴ No original: “constructions (not ‘rules’) are the primary objects of description; that lexicon and grammar are not distinct, but a continuum of constructions (form-meaning pairings); and those constructions are linked in networks of inheritance (or categorization).”

especificidades. Traugott e Trousdale (2013), dentre essas abordagens, propõem um modelo teórico que contribui especificamente com a questão da mudança linguística. Os autores adotam, como vários outros, a perspectiva de que a rede construcional é central à gramática e de que o sistema da língua é estruturado como um contínuo entre léxico e gramática. Nesse modelo, não há espaço para a distinção entre as noções de gramaticalização e de lexicalização, tal como concebidas tradicionalmente. Os autores tratam a mudança linguística sob duas perspectivas: a da construcionalização (gramatical ou lexical) e a da mudança construcional. A primeira refere-se à criação ou à formação de um novo pareamento entre forma e significado, que envolve “pequenos passos” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36); a segunda decorre de um processo que ocorre internamente, incidindo sobre os constituintes da construção, sejam eles de natureza formal ou semântico/funcional.

Em suma, o conjunto de abordagens da Gramática de Construções, como expoente da Linguística Cognitiva, opera na perspectiva de que a língua e o conhecimento linguístico representado na mente do falante constituem um sistema arquitetado como uma rede. As construções são, nesse contexto, unidades linguísticas básicas, exibindo pareamentos entre forma e significado, que se assemelham a pontos interconectados nessa rede. Essa arquitetura é dinâmica, ou seja, aberta para o estabelecimento de novos pontos, de novas unidades simbólicas (morfemas, itens lexicais, expressões idiomáticas e estruturas gramaticais mais ou menos esquemáticas), compostas, portanto, de um polo semântico (de conteúdo semântico, pragmático e/ou discursivo) e de um polo fonológico (estruturado por sons, sinais ou padrões gráficos), que se constituem com base no uso da língua.

No bojo dessa coletânea, encontram-se, pois, trabalhos fundamentados na Linguística Cognitiva e que enfocam o construto teórico das construções sob a perspectiva da língua em uso. Como descrito, apesar desse eixo teórico norteador, as

abordagens são variadas, o que contribui para enriquecer a descrição dos fenômenos eleitos pelos diversos autores que as integram.

No artigo introdutor deste número temático, Jéssica Cassemiro Muniz e Diogo Pinheiro, adotando uma metodologia experimental, revisitam um conceito caro à Linguística Cognitiva, qual seja, o conceito de *protótipo*, visando a explicar por que, muitas vezes, o falante recorre ao emprego de formas não-prototípicas em detrimento de formas alternativas mais prototípicas. Apoiados teoricamente na abordagem da Gramática de Construções Baseada no Uso, os autores exploram a hipótese de que os usos não-prototípicos resultariam do modo como “o conhecimento linguístico do falante está organizado na rede construcional”, o que foi confirmado pela análise dos dados obtidos por meio de um experimento envolvendo vinte e cinco sujeitos.

Ainda sob a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso, o segundo trabalho desta coletânea, de autoria de Flávia Saboya da Luz Rosa, dedica-se ao estudo da mudança construcional. Tomando como objeto de análise a microconstrução *calma aí*, a autora examina, à luz da proposta de análise dos nanopassos postulada por Rosa (2019), o processo de mudança linguística por meio do qual “expressões formadas por elementos indutor-refreadores e afixoides de origem locativa” resultam em construções que operam como marcadores discursivos de natureza argumentativa.

Adotando uma abordagem de interface entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística Variacionista, Luiz Fernando de Carvalho analisa, no terceiro ensaio deste número, três instâncias construcionais do imperativo de segunda pessoa do singular no Português do Brasil: (i) o imperativo verdadeiro (indicativo + tu), (ii) o imperativo supletivo (subjuntivo + você) e (iii) o imperativo abrigado (indicativo + você). Apoiado na Teoria dos Espaços Mentais, postulada por Fauconnier (1994), o autor defende que o imperativo abrigado resulta de um processo de mesclagem, nos termos de Fauconnier e Turner (2002), entre o imperativo verdadeiro e o supletivo.

No quarto artigo, Vítor Cordeiro Costa propõe uma articulação analítica entre o quadro teórico da Gramática de Construções e a Teoria da Metáfora Conceptual, explorando as correlações entre os usos metafóricos e literais do verbo *construir* e o padrão [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo]. Apesar de se tratar ainda de um “estudo exploratório”, na avaliação do autor, as reflexões empreendidas são muito relevantes: “o verbo *construir* fundido ao padrão [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo] pode estar relacionado a uma ou duas construções gramaticais, dependendo se se admite a existência de construções causativas e resultativas ou apenas de causativas, para instanciar enunciados literais e metafóricos”.

Jussara Abraçado e Eduardo Santana Moreira assinam o quinto ensaio, no qual analisam, com base na Gramática Cognitiva proposta por Langacker (1976; 2005), construções idiomáticas do Português Brasileiro formadas com o verbo *pagar*. A partir de uma análise qualitativa de dados coletados na *web* por meio da ferramenta de busca do Google, os autores chegaram à conclusão de que tanto as construções idiomáticas quanto as construções bitransitivas com o verbo estudado “decorrem da construção esquemática TRANSFERIR SN PARA SN que, por sua vez, provém de construção ainda mais esquemática V SN SPREP”, revelando hierarquia de complexidade conceptual.

Partindo do referencial teórico da Gramática de Construções (FILLMORE *et al.*, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE, 2016) e baseando-se em uma análise de *corpus*, o próximo autor, Wellington Araújo Mendes Junior, descreve uma construção da língua inglesa e traz para o debate a análise de [*because* X] com preferência por substantivos, adjetivos e interjeições como, por exemplo, em *because wow* ou *because food*, enunciados que ocorrem em contextos de uso de língua informal tais como blogs e twitter. Estas construções opõem-se ao uso de *because* como conjunção, para introduzir uma oração finita (*he did this because he was bored*) bem como elemento de preposição composta, para introduzir um sintagma preposicional (*I can't go out because*

of the rain). De acordo com o autor, em comparação a construções da gramática normativa, a construção [*because X*] é situada em contextos informais, tais como redes sociais nas quais a brevidade é privilegiada.

O artigo de Monclar Guimarães Lopes e Mara Cristina Machado Ladeira Martins discute a relação entre sintaxe e aspecto na construção [por X tempo], em que X apresenta um slot que pode ser preenchido pelos pronomes indefinidos *tanto*, *muito*, *pouco* e *algum*. A partir de uma perspectiva da Linguística Cognitiva-Funcional (CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), os autores constataam que esta construção específica se caracteriza por uma trajetória cursiva e/ou iterativa, predominante mesmo quando se trata de ocorrências em que há verbos télicos em tempo perfectivo. O estudo apresenta resultados com base em 400 ocorrências extraídas do *Corpus Now* e defende que a cursividade e que a iteratividade podem ser compreendidas como categorias gradientes, em que as construções assumem valores aspectuais mais ou menos durativos e/ou iterativos em dependência dos pronomes que ocupam o slot X, das classes acionais dos verbos e do contexto linguístico imediato.

A construção concessivo-comparativa esquemática [Até que para X, Y], exemplificada por “Até que para um palhaço, você escreve legal”, é objeto de investigação do artigo de Gabriela da Silva Pires e de Luiz Fernando Matos Rocha. Ao retomar o aporte de Goldberg (1996; 2006) e de Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012), e com base em um banco de dados formado por ocorrências coletadas na Internet, os autores revelam como X, formado por um sintagma nominal de caráter indefinido, aciona um rol de expectativas ao passo que Y apresenta um comentário contrário a essas expectativas. Neste ponto, para os autores, ocorre uma mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), uma vez que a construção concessivo-comparativa estabelece uma relação de cancelamento de pressuposições a partir da avaliação feita em Y, seja em termos de uma crítica velada seja em termos de um elogio.

Igualmente voltada para dados que provêm da Internet, uma análise acerca da construção [#SóQueSim] está no foco da atenção do artigo de Tharlles Lopes Gervásio. Ao combinar o referencial teórico da Gramática de Construções de Goldberg (1995), a Teoria da Mesclagem Conceptual de Fauconnier e Turner (2002) e o conceito de ironia postulado por Coulson (2001; 2005), o autor debruça-se sobre essa construção a partir de uma perspectiva pragmático-discursiva. Como função primária desta construção, ele aponta a ironia em interações estabelecidas por meio de postagens escritas na rede social *Facebook*, principalmente sob a forma de *hashtags*. O autor explora ainda como a construção, além de marcar discursivamente o efeito de ironia, desempenha o papel de gatilho para uma reiteração das ideias apresentadas. Segundo conclui, a construção [#SóQueSim] colabora com a formação da rede de integração conceptual no sentido de Fauconnier e Turner (2002).

Encerrando este número temático, Gislane Aparecida Martins Siqueira nos apresenta seu estudo sobre a construção regional amazonense “Olha já!” partindo de pressupostos oriundos da teoria de Croft (2007). A partir da apresentação de dados coletados, mais uma vez, na *web*, bem como de ocorrências da fala autêntica, a autora ilustra a alta produtividade dessa expressão regional e revela a regra de sua formação como padrão para expressões paralelas em PB. De acordo com sua perspectiva, a construção [*verbo perceptivo intransitivo imperativo afirmativo + advérbio monossílabo*] pode ser encontrada também em expressões tais como *olha só, veja bem*, etc. Siqueira conclui que essa construção idiomática atua como interjeição de espanto, de surpresa ou de indignação.

Por mais ou menos três décadas, pesquisas sobre construções foram limitadas a exemplos gerados introspectivamente antes que se iniciou um interesse em estudar os pareamentos forma-significado no seu uso real no discurso escrito e, ainda mais tarde, falado, nos quais não estão simplesmente mais instanciados como “prepackaged wholes” mas sofrem variação, modificação, desenvolvimento (AUER, 2006; FRIED;

ÖSTMAN, 2005). A leitura dos dez artigos que apresentamos neste dossiê mostra uma tendência inequívoca em direção a um foco crescente para (a) pesquisas que se baseiam em construções no seu uso no discurso, (b) pesquisas que se baseiam em análises de *corpora* e (c) pesquisas que direcionam seu olhar cada vez mais para o uso de língua informal e/ou para a língua falada. Para todos esses pontos, especialmente para o último item, a Internet parece ser uma fonte rica de gêneros discursivos variados, onde há um *continuum* entre oralidade e escrita. Junto a essas abordagens, já se observam novas linhas de pesquisa, como a Gramática de Construções Multimodais, que integra os símbolos e ícones na análise das construções emergentes na comunicação da Internet, bem como os aspectos prosódicos e gestuais-corporais, instanciadas nas construções da fala-em-interação (cf. para um panorama HOFFMANN, 2021).

Gostaríamos, por fim, de agradecer, primeiramente, aos autores deste número especial, que possibilitaram sua publicação e que contribuíram para que este espaço de debate pudesse acontecer. Adicionalmente, agradecemos aos pareceristas que significativamente contribuíram para a qualidade dos trabalhos aqui reunidos. Nossos agradecimentos, por fim, à equipe editorial da Revista *Domínios de Lingu@gem*, especialmente a Guilherme Fromm, pela paciência e por ter acompanhado incansavelmente todas as etapas desta publicação.

Referências

AUER, P. Construction grammar meets conversation: Einige Überlegungen am Beispiel von „so“-Konstruktionen. In: GÜNTNER, S.; IMO, W. (org.). **Konstruktionen in der Interaktion**. Berlin, New York: De Gruyter, 2006. p. 291-314. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110894158.291>

BARLOW, M.; KEMMER, S. (org.). **Usage based models of language**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

COULSON, S. **Semantic leaps**: Frame-shifting and conceptual blending in meaning construction. New York: Cambridge University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511551352>

COULSON, S. **Sarcasm and the space structuring model**. The literal and the nonliteral in language and thought. Berlin: Lang, 2005.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: Syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299554.001.0001>

CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. *In*: FRIED, M.; ÖSTMAN, J.-O. (org.). **Construction grammars**: Cognitive grounding and theoretical extensions. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 273–314. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.3.11cro>

CROFT, W. Construction grammar. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (org.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 463-498.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013. p. 13-39.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**. Düsseldorf, 2006. Disponível em: www.constructions-online.de/0009-4-6860. Acesso em: 10 set. 2015. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.49.09die>

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (org.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. **Language**, 64 (3), p. 501-538, 1988. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>

FILLMORE, C.; LEE-GOLDMAN, R.; RHOMIEUX, R. The FrameNet Construction. *In*: BOAS, H.; SAG, I. (org.). **Sign-based construction grammar**. Stanford: CSLI Publications, 2012.

FRIED, M.; ÖSTMAN, J.-O. Construction grammar and spoken language: The case of pragmatic particles. **Journal of Pragmatics** 37, p. 1752-1778, 2005. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2005.03.013>

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. Introducing cognitive linguistics. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (org.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 3-21.

GOLDBERG, A. **Constructions**: A construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. Relationships between verb and construction. *In*: VERSPOOR, M.; SWEETSER, E. (org.). **Lexicon and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1998. Disponível em: <https://adele.princeton.edu/files/2015/01/0098Icla.relationships.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2015.

GOLDBERG, A. Making one's way through the data. *In*: SHIBATANI, M.; THOMPSON, S. A. **Grammatical constructions**: their form and meaning. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 151-173

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOFFMANN, T. Multimodal construction grammar: From multimodal constructs to multimodal constructions. *In*: WEN, X.; TAYLOR, J. R. (org.). **The Routledge handbook of cognitive linguistics**. London, New York: Routledge, 2021. p. 78-92. DOI <https://doi.org/10.4324/9781351034708-6>

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987. DOI <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Volume I. Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. A dynamic usage-based model. *In*: BARLOW, M.; KEMMER, S. (org.). **Usage-based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 1-63.

LANGACKER, R. W. Cognitive grammar. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (org.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 421-462.

LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar: A basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331967.001.0001>

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa* 60 (2), p. 233-259, 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução em Português: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995 (1969).

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>